



VII Simpósio Nacional de História Cultural

HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

UM TIPÓGRAFO-JORNALISTA NO SERTÃO DA BAHIA*

Andréa Cristiana Santos**

Em uma pesquisa histórica, o arquivo pode surpreender o pesquisador, oferecendo-se à interpretação de quem procura escavar os sentidos dos fragmentos expostos em discursos, relatos sobre acontecimentos triviais e materialidades. O arquivo nos convida a retirar o véu do esquecimento que pode encobrir ações e práticas humanas. Foi escavando documentos à procura dos vestígios da trajetória da imprensa na cidade de Juazeiro, situada a 500 km da capital Salvador, na Bahia, que me surpreendi com alguns impressos, localizados na Fundação Museu Regional do São Francisco. Eles tinham o formato de quatro páginas e o tamanho de uma folha de ofício: 33 x 23 cm.

Eles despertavam a atenção pela diversidade temática e por retratar práticas culturais diversas na cidade baiana: composições musicais, sátiras sobre costumes, caricaturas, relatos sobre cotidiano, notícias sobre esporte. O material do arquivo me desvelava um nome: José Diamantino de Assis, tipógrafo, diretor e redator de *O Astro*; *O Banjo*, *A Marrêta*, *O Itiubense*, *O Sertão*, *O Esporte*, *A Jacuba* e a *Tribuna do Povo*.

Contudo, o que há de relevante na trajetória desse tipógrafo, que produziu impressos no período de 1932 a 1969? A série documental contém um material

* Comunicação científica apresentada no Simpósio Temático História periódica: a imprensa periódica no Brasil no século XIX e XX.

** Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); professora da Universidade do Estado da Bahia. Bolsista PAC-UNEB. E-mail: andcsantos@uneb.br.

jornalístico diversificado, produzido por uma mesma pessoa por 37 anos, que demonstra práticas profissionais e um modelo de imprensa em transição.

Os jornais foram concebidos dentro de uma lógica da imprensa artesanal, semelhante a produzida no século XIX, produzida por um homem só, o tipógrafo, mas que já evidenciam as mudanças que se processavam no campo profissional como a substituição de um modelo de imprensa político-literária para o paradigma de um jornalismo informativo. Essas mudanças se intensificariam nos anos 1950, no processo conhecido como modernização dos jornais brasileiros, com desenvolvimento de reformas empresariais, gráficas, redacionais e constituição de um campo autônomo do discurso jornalístico em relação ao literário e político (RIBEIRO, 2007).

A segunda consideração é a dimensão do esquecimento a que está relegado o tipógrafo. Nos livros memorialísticos sobre a história da cidade, existem poucas referências a José Diamantino de Assis como profissional de comunicação. Contudo, ao se escavar o passado, o que encontramos são justamente esses pequenos jornais que resistiram à intempérie do tempo e que nos ajudam a investigar processos comunicativos que existiram na cidade.

A diversidade e a materialidade desses jornais produzidos por José Diamantino de Assis nos trouxeram alguns questionamentos como: quais processos comunicacionais foram engendrados pelo tipógrafo e quais significados assumiram para os leitores? A trajetória de um indivíduo pode nos fazer entender os circuitos de comunicação entre uma imprensa local e a nacional? Quais são as inter-relações existentes entre esses periódicos e os processos de modernização ocorridos na imprensa brasileiros?

Neste artigo, procuramos responder a alguns desses questionamentos, desvelando tessituras, fragmentos do passado e dos processos comunicativos tecidos pelo tipógrafo e jornalista. Produzir uma história da comunicação, como afirma Marialva Barbosa (2007, 2010a; 2010b), requer contemplar todo um circuito comunicativo, no qual estejam inseridos produtores de textos, produtores gráficos, editores e leitores; as materialidades e os suportes que permitiram, em um dado momento, a profusão de formas impressas, visuais, sonoras. É possível reconstruir o sentido da obra; relacionar o que se produz como práticas; verificar a materialidade do objeto; os modos de reapropriação do público; as trocas de mensagens entre produtor, leitor e as relações narrativas.

Compartilhando da noção de circuito comunicativo de Robert Darnton (2010), o pesquisador pode analisar as inter-relações entre autor, editor, produtor, impressor, distribuidor e leitor, pois todos eles estão intercambiando experiências e práticas que influenciam na questão do gênero, nas relações deste sistema com outros de natureza política, econômica, social. Não se trata de uma abordagem centrada na ação individual, mas analisar dinâmicas sociais, processos institucionais, micro e macrossociais.

Por isso, ao analisar a produção de José Diamantino de Assis, apropriamo-nos da abordagem do projeto historiográfico da micro-história, pois verificamos que a sua trajetória pode ser investigada a partir de uma redução do nível de análise da escala: do micro para o macro. A análise do micro permite dar atenção aos processos individuais percebidos nas suas relações com os outros, investigando identidades sociais que se operam por meio de uma rede de relação, de concorrência, solidariedade, aliança. Assim, é possível redefinir a noção de contexto, para que não haja simplesmente uma leitura do contexto global para situar e interpretar os textos, mas, pelo contrário, reconstituir a multiplicidade dos contextos necessária à compreensão do fenômeno (RAVEL, 1998, p 27).

Em uma pesquisa centrada na história dos processos de comunicação, a análise micro-histórica pode evidenciar o circuito de comunicação que nos permite verificar os fluxos e as interações existentes entre práticas comunicativas, diante da própria modernização da imprensa e do surgimento dos dispositivos tecnológicos que influenciavam os modos de existência dos sujeitos.

Neste artigo, utilizamos ainda a noção de fragmento, compreendido como uma possibilidade de acesso ao passado, como resíduos, artefatos que nos chegam ao presente pelo conjunto de materiais produzidos em um passado e em determinadas condições (LOWENTHAL, 1998). A partir desses fragmentos, analisamos a trajetória do tipógrafo e jornalista José Diamantino de Assis no sertão da Bahia.

O TIPÓGRAFO-JORNALISTA JOSÉ DIAMANTINO DE ASSIS

José Diamantino de Assis nasceu em 6 de abril de 1911, na cidade baiana de Barra do Rio Grande, filho de Olegário de Assis e Cora Diamantino. Seis meses depois do seu nascimento, os pais se mudaram para Juazeiro. Olegário de Assis exerceu a

profissão das artes dos ofícios¹ e foi um “laborioso artista tipográfico”, que fundou o *Diário de Juazeiro* e *O Juazeiro*, nos primeiros anos do século XX.

Na residência da família Assis, havia uma máquina de impressão, composta por uma mesa e tipos gastos pelo uso. Em 1926, aos 15 anos, José Diamantino de Assis retirou a prensa da dispensa e imprimiu *O Riso*, narrando fatos cotidianos, namoros e fofocas com “elichês esculpidos a canivete para efeito de ilustração” (DUARTE, 1985). O advogado e jornalista Jorge de Souza Duarte (1985) conta que José Diamantino de Assis sonhava em ser jornalista, mas lhe faltavam recursos para estudar em Salvador e viver da profissão. Como não teria realizado o sonho, foi trabalhar por um curto período em *O Pharol*, editado em Petrolina-PE, por João Ferreira Gomes.

O tipógrafo trabalhou em *O Eco*, de Aprígio dos Santos Araújo, que circulou de 1926 a 1949. Com essa experiência, lançou o satírico *O Astro*, em 1932. Com quatro páginas, trazia notícias locais e anedotas. Em 1942, assumiu a direção de *O Eco*, mas permaneceu curto período.

O tipógrafo não deixou relatos memorialísticos, carta ou diário relatando aspectos de sua vida. O que conhecemos sobre sua trajetória é a partir dos fragmentos presentes na produção jornalística, que nos permitem descobrir aspectos das interações sociais e práticas comunicativas. Seguindo os rastros deixados nos jornais, podemos investigar as travessias comunicacionais vivenciadas e experimentadas pelo tipógrafo até a sua morte em dezembro de 1970, aos 59 anos.

Uma dessas travessias foi a de compositor de marchinhas e redator de *O Banjo*, publicado entre os anos de 1935 a 1943. O folheto circulava nas festas carnavalescas com músicas do tipógrafo e de compositores cariocas, o que nos sugere a possibilidade de circuitos comunicacionais entre artistas cariocas e juazeirenses.

Conhecedor das artes gráficas, a produção do tipógrafo apresenta traços de uma cultura jornalística similar à imprensa satírica da época. O quinzenário *A Marrêta* (1935-1936) deu visibilidade aos costumes, tradições, fatos cotidianos e às apropriações das novidades tecnológicas pela população.

¹ Em outros artigos publicados em congressos, não fazia menção a Olegário de Assis como tipógrafo. Fiz sempre referência a um irmão com nome homônimo. Ao ter acesso ao jornal *Correio do São Francisco*, impresso em Juazeiro em 1907, obtive a confirmação de que se tratava do pai de José Diamantino de Assis.

José Diamantino de Assis também ajudou a criar *O Riso*, na cidade de Barra do Rio Grande e *A Cidade*, de propriedade de Orlando de Souza, que circulou em Juazeiro, em 1936. Lançou o jornal *O Itiubense*, na cidade de Itiúba, em 1937, com linguagem informativa, notícias e textos opinativos sobre o cotidiano da cidade.

A década de 1940 parece ser o início de uma profissionalização jornalística, com mudanças na forma de conceber o produto jornal. Os impressos passaram a ter uma linguagem informativa, diagramação com colunas, ilustração e clichês de fotografias. Na cidade de Juazeiro, ele publicou em 1945 *O Sertão* com noticiário político e econômico sobre o crescimento do comércio e a implantação de agências de fomento bancário. Envolvido com manifestações da cultura popular, ele foi dirigente da Liga Desportiva Juazeirense na década de 1940, e publicou *Esporte*, no período de 1946; e 1967 a 1969.

É importante analisar alguns aspectos da trajetória de José Diamantino de Assis. Ele compunha música, cordéis, produzia e escrevia para os jornais sobre temas populares, carnaval, esporte e o cotidiano das cidades. Fazia de tudo para preservar o sonho de se comunicar, produzir impressos e estreitar os laços com a comunidade, inclusive jornalística. Na sede da tipografia, recebia jornalistas que chegavam ao município para cobrir acontecimentos políticos e econômicos.

Mesmo em outra temporalidade e espaço, a trajetória de José Diamantino de Assis nos faz compreender os laços que o une à categoria de tipógrafos do país. Marialva Barbosa (1997), na sua dissertação sobre a trajetória dos tipógrafos na cidade do Rio de Janeiro de 1880 a 1920, nos conta sobre as transformações sociais no universo dos tipógrafos e os conflitos de classe surgidos pela substituição de prensas manuais por máquinas modernas (linotipos) que modificaram os modos de produção e o tempo do trabalho. Os tipógrafos lutavam para manter uma identidade de trabalhador intelectual que dominava o fazer das artes gráficas e o da produção dos processos comunicativos em uma redação de jornal. Eles tinham acesso a um mundo letrado, escreviam para os jornais, compunham músicas, eram poetas e cronistas. Eles não desistiam do sonho de se comunicar, mas gradativamente foram perdendo espaço para um profissional especializado na redação jornalística e com outros valores simbólicos.

A trajetória de José Diamantino de Assis traduz um pouco isso, pois ele não abandonou o sonho de imprimir jornais, mesmo com as dificuldades que a tarefa lhe impunha. O tipógrafo também acompanhou as mudanças que se processavam na modernização da imprensa brasileira. Em 1957, lançou com Jorge Gomes *A Tribuna do*

Povo. Assinava o expediente como diretor técnico e a impressão era nos prelos da sua tipografia, onde funcionava a Gráfica Assis. Três anos depois, *A Tribuna* passou a ser produzida na gráfica e papelaria Gutemberg, com prensa moderna, impressão de boa qualidade, formato standard e a colaboração de diversos comunicadores. José Diamantino deixou a função de diretor técnico e se dedicou a escrever uma coluna sobre política, cotidiano, crise econômica, cultura e cinema.

A partir da produção do tipógrafo, analiso a trajetória de José Diamantino a fim de compreender como este mediador conseguiu transitar pelo universo de uma cultura popular e jornalística no contexto de modernização da imprensa brasileira. Como problema de pesquisa, investigo como a produção desse tipógrafo pode evidenciar circuitos de comunicação entre uma imprensa sertaneja e de regiões centrais do país que passava por processos de modernização, expansão das agências de notícias e mudanças no padrão da linguagem jornalística, priorizando o modelo informativo ao literário.

DA SÁTIRA À INFORMAÇÃO: ALGUNS MAPEAMENTOS DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

A produção jornalística nos faz inferir que José Diamantino de Assis, em decorrência do capital simbólico que adquiriu, colocou-se como um mediador capaz de construir tessituras que viabilizaram fluxos e circuitos de comunicação. O tipógrafo pode ter exercido uma função de agente de modernização, utilizando seu capital simbólico ao discutir e fomentar a introdução de hábitos referentes às práticas culturais consideradas modernas na comunidade.

Um dos primeiros periódicos produzidos pelo tipógrafo foi *A Marrêta*, quinzenário humorístico, lançado em 2 de junho de 1935 e que circulou até 1936. O editorial proclamava que o jornal seria “amigos” dos que “gostam dos bancos da praça da Matriz, em noite de escuro, das fofas cadeiras do cinema com a sua garota, pedindo a Deus que o filme tenha 75 partes e meia...”. O periódico já antevia no primeiro número que poderia sofrer perseguições e denúncias à polícia.

A Marrêta foi o primeiro periódico satírico publicado na cidade tanto na forma como no conteúdo, que explorou a sátira, o soneto-piada, paródias, cordel, ilustrações e caricaturas. Desde o primeiro número, apresentou as seções fixas “Durante a semana”, com comentários jocosos do que aconteciam nas ruas; “Anúncios Populares”, com sátiras

sobre produtos e o comércio local; “Consultório Médico”, com dicas sentimentais. A partir do segundo número, criou-se a seção “Comentando”, com a reprodução de um diálogo entre dois personagens populares que conversam sobre acontecimentos locais. Eles exercem a função de “repórteres” que contam causos e boatos. O leitor poderia ler as seções “Telegrama” com pequenas anedotas sobre populares; “Cartomancia”, com o personagem Madame Xadu e “Perfis Femininos”. O jornal era vendido por 200 reis, mesmo preço do jornal carioca *A Manhã*, de Aparício Torelly, no ano de 1935.

Essa imprensa satírica surgiu com moldes de uma imprensa artesanal, produzida por um homem só. José Diamantino de Assis assinava como diretor. Mas havia colaboradores: Urbano Mendonça foi redator do primeiro número ao sexto; depois Leo Lasko. Devido a denúncias do jornal à polícia como panfleto ofensivo à moral e aos bons costumes, o tipógrafo José Diamantino de Assis registrou o impresso no cartório, com número 10.

A narrativa do impresso, a sátira, a anedota, a paródia e a piada que leva ao riso pode evidenciar processos de circularidade de uma cultura oral que permanecem como rastros na imprensa satírica na primeira metade do século XX. O som das “marretadas” também pode evidenciar outros conteúdos simbólicos associados ao controle social em uma comunidade, que passa por processos de modernização excludentes.

As notícias publicadas se referem aos fatos citadinos ocorridos em lugares públicos, uma determinada rua, bairro. Como signo ambivalente, a rua pode ser o lugar da liberdade, imprevistos, paixões, perigo, malandragem em oposição à segurança do espaço privado. A rua pode simbolizar o público em oposição à casa, no qual códigos de conduta regulam as relações de convivência, ordenam, sujeitam o indivíduo ao controle do Estado ou a população fica refém de forças impessoais (DAMATTA, 1997). As sátiras, mais do que eventos casuais, dão visibilidade a essas formas de controle social.

O leitor fica sabendo dos acontecimentos da Liga do Fuxico, na rua Antônio Pedro; das brigas no Bairro do Alagadiço; das conversas na Rua da Alegria, com os festejos carnavalescos e bailes, e também lugar de determinadas “patifarias”; do significado do lúdico na rua Visconde do Rio Branco, local de visitação noturna dos habitantes e onde se localizava o cinema. As ruas são locais de encontros furtivos, fofocas e de brincadeiras entre namorados, mas também uma evidência de um maior controle social, pois o redator denunciou que a guarda municipal estava atenta para atos libidinosos e a falta de higiene próxima ao mercado popular, local de intensa circulação de pessoas e

de mercadorias. A ideia de uma cidade livre da promiscuidade social, que fundamentou processos de exclusão social nos grandes centros, também estava presente em pequenas comunidades.

O jornal explicitamente defendia uma espécie de disciplinarização do espaço público. A brincadeira, portanto, representava sentidos de ordenamento. Esse controle social demonstrava uma cidade regida por códigos sociais complexos, pois as sátiras feitas no jornal foram tidas como calúnia e difamação. Dois redatores desistiram de colaborar com o periódico sob a alegação de que sofriam algum tipo de sanção e restrição a sua atuação.

No periódico, a narrativa híbrida mistura vestígios da oralidade, partilhados por uma cultura local e a influência dos novos dispositivos técnico: o fato cotidiano é transmitido via telegrama, o boato é coletado via transmissão de radiotelegrafia, os relatos dos acontecimentos locais são ilustrados a partir de clichês produzidos por instantâneos fotográficos, a população acompanha os acontecimentos internacionais como se eles ocorressem na própria cidade. Foi o que fez *A Marrêta* ao retratar notícias da declaração de guerra do primeiro-ministro italiano Benito Mussolini ao presidente Haile Sallassié, da Abyssinia (atual Etiópia), com a consequente invasão do país em outubro de 1935.

Sátiras relatam o apoio de juazeirenses aos “negus” da Abyssinia, com ilustração de Mussolini e de Haile Sallassié. O jornal informou aos leitores que enviou correspondentes para retratar a guerra e eles transmitiam as notícias por meio de telegramas e do rádio. Em uma das notícias publicadas, o correspondente e radiotelegrafista Israel Carvalho descreve para *A Marrêta* o cenário da guerra:

O calor aqui é um caso sério. Só quem agüenta são os negros.

Ando nu no meio deles apreendendo macarrão nas mochilas dos italianos e prisioneiros.

Quem mais me ajuda nesse serviço é um irmão de Jacob, cabo de polícia egípciano, que está adido a 1 batalhão negro. O Duce anda se roendo com o imperador Salassié, pois ele me disse que os seus soldados só matam italiano de...susto.

Mas é o diabo, essa zoada de bomba. Silêncio.

Lá vem uma metralhadora voando dois negros com três romanos enfiados nas lanças para o churrasco dos jornalistas. Começo a sentir saudades dos amigos. Todo italiano vive na fronteira completamente de tanga. O bombardeio começa sempre depois da bola. A coisa aqui é engraçada: cada soldado tem um ventilador nos fuás e uma caixa de picolés nas costas. O Perez pode até fazer negócio no front. Ruge um canhão etíope. Ando quase surdo.

Hontem um italiano caiu nas garras dos negros. Fui até o alojamento dos presos vê-lo. Suave como uma tampa de panela. Perguntei-lhe: sente frio? Ele olhou-me silencioso e depois irritado vociferou:

- Per bacco! Il La l' Italia frio como uma ova seo filho de...

Retirei-me e no caminho, um negro de Guarda Real me interpelou:

- Você é do Brasil?

- Sim, enviado de *A Marreta*.

- E como tem suportado essa quentura toda?

- Ora, lá para as nossas bandas o sol é tão quente e faz tanto calor que as mulheres fazem beijus nas calçadas de cimento ao meio dia.

O abissínio deu uma volta cuspiu e disse:

- Você conhece o Deraldo, o João Luna, o Guedes, o Josué?

- Conhece-os muito.

- Então, acredito.

E saiu assobiando “Laurinha”.

O texto retrata a guerra não como um acontecimento longínquo, mas algo significativamente presente e próximo à realidade dos juazeirenses. A imprensa se tornava um local de centralidade para a vida social e para o conhecimento de fatos ocorridos nacional e internacionalmente. A narrativa satírica evidencia manifestações de uma cultura popular em uma inter-relação com a prática jornalística, pois o conflito passava a ser narrado como um acontecimento transmitido por atores locais.

Além da produção jornalística satírica, José Diamantino de Assis publicou *O Banjo*, no período de 1935 a 1943, sempre nos meses de janeiro e fevereiro. Com quatro páginas, o folheto divulgava músicas e os novos ritmos como o samba, marcha, Fox. Porém, *O Banjo* não assimilou um modelo cultural que ignorou mediações locais, houve uma apropriação de sentidos que foram ressignificados no próprio carnaval pela comunidade e pelos artistas juazeirenses. O jornal ajudou a difundir sambas e marchinhas de compositores como Assis Valente, Custódio Mesquita, Ary Barroso, Roberto Martins e cantoras como Dircinha Batista, Marilu e Doralice Vargas. Mas o leitor juazeirense poderia adquirir partituras de marchinhas dos músicos ribeirinhos, como Dario Ferreira e o próprio José Diamantino de Assis.

A travessia para o universo de uma cultura jornalística e um modelo de jornalismo informativo se verifica a partir do ano de 1937, com o lançamento de *Itiubense*, na cidade baiana de Itiúba. Ele vai escrever a coluna *Ecran* sobre cinema e

incentivar práticas culturais de modernização do espaço público e de hábitos culturais como: alertar a população para evitar entrar na sala de exibição com os animais; denunciar o comportamento inconveniente de certos jovens de recepcionar os passageiros na estação ferroviária e a defesa de um melhor ordenamento das casas e prédios públicos. O tipógrafo e jornalista concebia o produto jornal com uma missão: educar as massas, estimular comportamento e constituir uma esfera pública.

Ao longo do século XX, José Diamantino foi o único profissional a publicar um jornal exclusivamente dedicado à prática esportiva em Juazeiro. *Esporte* circulou em duas décadas: entre os anos de 1946 a 1949; em 1967 e 1969. Contudo, é preciso entender o que motivou o tipógrafo a produzir um jornal segmentado e quais interações estabeleceu com o público. É possível investigar, ainda, processos de modernização da imprensa local em uma relação de tensão e acomodação com práticas relacionadas à linguagem jornalística. Os rastros de uma cultura oral e de elementos de uma linguagem cômica vão sendo substituídos por um discurso jornalístico com predominância do gênero informativo, como notas, notícias e reportagens sobre os times, informação sobre jogadores, desempenho da rodada, visita de time de outros estados.

Buscando os indícios sobre as práticas jornalísticas, encontramos, na edição de 20 de outubro de 1946, a nota “Estará ocorrendo mesmo Bicho?”. O redator relatou que estava na redação do jornal quando dois amigos conversavam sobre o desempenho dos times locais e um afirmou que o Clube Veneza teria tentado comprar o jogador Inácio, por 500 cruzeiros. O redator afirmava: “para nós foi uma surpresa, e também **uma reportagem sem mesmo sairmos de casa**”. Ele concluiu a nota: “discutiram muito, mas não acreditamos em nenhum dos dois”.

A nota nos traz pistas de que o repórter fazia questão de divulgar o fato interessante, o boato, mas tem consciência de que é apenas conversa de dois adversários, uma pilhéria. Ele demonstra que compreendia a notícia como trabalho de coleta do repórter que sai às ruas e dependia de apuração jornalística. Valoriza-se a prática jornalística associada a paradigmas de veracidade e a um texto jornalístico resultado de apuração e verificação dos fatos com fontes e/ou documentos. A nota traz os vestígios dos processos de referenciação jornalística baseada no conjunto de valores que a imprensa passava a assumir no contexto de modernização da imprensa como o predomínio de uma linguagem informativa, processos técnicos de apuração e maior autonomia do campo jornalístico (RIBEIRO, 2007).

A partir dos anos 1940, com a publicação do jornal *O Sertão* e, posteriormente, com *A Tribuna do Povo*, as notícias e a linguagem jornalística valorizam o texto informativo, as notícias locais, regionais e de agências internacionais. Existe uma ênfase em notícias da política local, seções dedicadas ao esporte, às artes, cultura e com artigos de colaboradores sobre temáticas locais.

Na *Tribuna do Povo*, ele é convidado para escrever uma coluna e como repórter especializado na cobertura do carnaval. Como colunista, verifica-se alguns elementos da versatilidade do jornalista para abordar temas os mais diversos: política, economia, cinema. Analisando as suas colunas encontraremos temas como: o embelezamento estético das ruas da cidade pernambucana de Petrolina em detrimento a falta de uma infraestrutura urbana de Juazeiro; o flunar pela cidade ao visitar a cidade vizinha e comprar comidas na feira municipal; a preocupação com o ordenamento urbano e problemas citadinos como pragas de mosquito; o encantamento pelo cinema, narrando aos leitores conversas que teve com uma equipe cinematográfica que realizou gravação de um filme na cidade baiana; entre outros. A cidade foi seu principal foco de interesse, utilizando de dispositivos técnicos que ele tinha ao seu alcance: a tipografia para imprimir e fazer circular uma cultura letrada.

CONSIDERAÇÕES BREVES

No ano de 1978, quando a cidade de Juazeiro comemorava o centenário da cidade, alguns memorialistas produziram textos que procuravam retratar aspectos da cidade e a trajetória de algumas personalidades. Em um dos textos, o memorialista Walter de Castro Dourado (1978) se referiu ao tipógrafo José Diamantino de Assis como um homem com “tenacidade, inteligência” e “interessado em dotar a cidade de órgãos noticiosos”, produzidos a partir de sua pequena tipografia.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas por José Diamantino de Assis, é possível refletir sobre a identidade do profissional como um comunicador que desejava estabelecer processos de mediação para a disseminação de fluxos de informação e expansão de uma cultura letrada. Na concepção de Gilberto Velho (2001), existem indivíduos capazes de executar projetos de mediação, nos quais procuram estabelecer relações sociais com públicos distintos, viabilizar fluxos de comunicação para estabelecer o diálogo em uma sociedade heterogênea.

Em uma sociedade que passa por processos de modernização, existe a possibilidade de se lidar com diversos códigos sociais e viver diversos papéis sociais. Escolher se identificar como profissional de um meio de comunicação era uma decisão pessoal que os relacionava com um público leitor, mesmo que pequeno, e as expectativas inerentes à prática, seja na oferta de um bom produto, nos conflitos de interesse que existiam, nas possibilidades de se adquirir ascensão e prestígio social em decorrência da função que ocupavam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marialva. **Operários do pensamento: visões de mundo dos tipógrafos no Rio de Janeiro: 1880-1920.** Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 1991.

BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil.** São Paulo: Vozes. 2013.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil 1800-1900.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

DAMATTA, Roberto. Espaço: casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil. In: **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, 1991.

DAMATTA, Roberto Da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamouret: mídia, cultura e revolução.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DOURADO, Walter. A imprensa e os vultos do passado de Juazeiro, ano 100. In: DUARTE, Jorge; DOURADO, Walter et alli. **Juazeiro ano 100: lances de sua história.** Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1978.

DUARTE, Jorge de Souza. **Juazeiro: nos caminhos da história.** Juazeiro-Ba. Edição do autor. 1985.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado.** São Paulo: Projeto História, vol 17.. nov 1998.

RAVEL, Jacques. **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998.

RIBEIRO, Ana Paula G. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro. E-papers, 2007.

VELHO, Gilberto. Biografia, trajetória e mediação. In: VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs.). **Mediação, Cultura e Política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

